

UMA LEITURA DO OTIMISMO TRÁGICO DE VIKTOR FRANKL A PARTIR DE UMA ÉTICA DA ALTERIDADE: DESDOBRAMENTOS DE META-CLÍNICA NO SENTIDO DA VIDA DE OUTREM

Gustavo Rubin da Mota¹

RESUMO

A construção do sentido da vida não é uma abstração teórica, mas transcende a clínica, assumindo a condição não-restrita da essencialidade na existência humana. A autotranscendência é fator preponderante de um novo humanismo da exterioridade. Uma meta-clínica-logoterapia pressupõe a alteridade como fator inicial da construção das razões sobre a vontade como desdobramentos frente ao sofrimento e a dor que se manifestam na paciência da consciência. O heroísmo se converte em obra do eu econômico que se transcende diante do sofrer inevitável na valoração convergida em triunfo. Porém, diante do sofrimento do Outro, de um eu soberano, mas responsável pelo eu, o sofrimento torna-se insensato, inútil e injustificado, por conseguinte, pondo a alteridade não somente como responsabilidade por mim, mas uma interpelação diante do absurdo do padecimento da unicidade do outro.

PALAVRAS-CHAVE: sofrimento; autotranscendência; alteridade; unicidade; proximidade.

ABSTRACT

The construction of the meaning of life is not a theoretical abstraction, but it transcends the clinic, assuming the non-restricted condition of essentiality in human existence. The self-transcendence is a major factor of a new humanism of externality. A metaclinical logotherapy presupposes the alterity as an initial factor in the construction of the reasons on the will as developments in response to the suffering and pain that arise in the patient's awareness. Heroism becomes a work of the economic self that transcends in the face of the inevitable suffering in the valuation converged on triumph. However, before the suffering of the Other, of a sovereign self, but responsible for the self, suffering becomes unreasonable, unnecessary and unjustified, therefore putting the alterity not only as a responsibility for myself, but as a notice at the absurdity of the suffering of each other's oneness .

KEYWORDS: suffering; self-transcendence; alterity; oneness; proximity.

1. Introdução

Nosso artigo reflete sobre o desdobramento de uma meta-clínica a partir da tese do otimismo trágico de Viktor Frankl – palestra ministrada no III Congresso Mundial de Logoterapia, na Universidade de Regensburg, República Federal da Alemanha, em

¹ Mestrando em Filosofia na área de concentração de Ética e Filosofia Política. Grupo de Pesquisa: Ética, contemporaneidade e desconstrução: crítica filosófica da violência - PUCRS. Pesquisa: A ética da Alteridade de Levinas e suas dimensões interdisciplinares. E-mail: gustavo.mota1980@hotmail.com.

junho de 1983². Sumamente, a tese coloca a base da logoterapia e conseqüentemente os desdobramentos antropológicos e éticos que norteiam a relação clínica e extra-clínica. O sentido da vida abordado por Viktor Frankl é muito maior que toda a intervenção terapêutica possível, muito mais desbordada que qualquer arcabouço teórico, já que se mobiliza na essência da existência humana, das razões de vontade e da construção e reconstrução do próprio ser livre e autotranscendente.

No pensamento pós-guerra, o humanismo transcendente, a necessidade de revisitar o trágico como *mysterium*, em que a autotranscendência se ordena ao não-idêntico, e, por efeito, a egoicidade da representação, coloca o Eu diante do imediato da consciência, para se redefinir; é um caminho não somente de cura das neuroses noogênicas e noodinâmicas, mas também de uma efetiva experiência ética, como lugar mínimo do si votado ao outro e à exterioridade. Por isso, será profícuo um diálogo com a alteridade levinasiana³ que amplia a meta-clínica da logoterapia, para um humanismo de desinteressamento, numa inter-humanidade pela proximidade e eleição do outrem, condição de infinito e não-liberdade, mas responsabilidade irrevogável e ilimitada pelo absurdo do sofrimento de outrem.

2. A dor de mim e o sentido de heroísmo

Viktor Frankl estabelece a tríade do trágico em logoterapia a partir de três palavras chaves: dor, culpa e morte.⁴ A logoterapia parte do pressuposto de que não há um determinismo forte e duro, mas que existe a possibilidade do ser humano definir e redefinir-se, mesmo em condições de miséria, citando em todo momento os exemplos anônimos testemunhados por ele nos campos de concentração. O sentido se constitui nas razões mobilizadoras para a ação ou trabalho (obra); nas experiências de algo ou alguém (significativo) enquanto reminiscência de um amor como realização ou encontro; e no sentido que ir além de si mesmo, que diante de um destino inevitável, se

² FRANKL, V. *Em busca de sentido*. 31 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 161-176.

³ Para melhor conhecimento da filosofia de Emmanuel Levinas, recomendamos as obras de François-David Sebbah e Frei Luiz Carlos Susin presentes na referência bibliográfica.

⁴ Idem, p. 161.

pode encarar o sofrimento como triunfo-conquista.⁵ A opção pelo enfrentamento não da dor e do sofrimento é um apesar-da-consciência do padecimento ou desprendimento, uma possibilidade aberta para a descoberta do sentido. Viktor Frankl afirma: “Insisto apenas em que o sentido está disponível apesar do – ou melhor, através do – sofrimento, desde que, (...) o sofrimento seja inevitável.”⁶ O sentido não é entrelaçado ao sofrimento, e sim é a inversão de que mesmo diante do esfacelamento, pode-se encontrar um triunfo e dignidade, rompendo com um niilismo que recorta a humanidade de sua condição de unicidade, enquanto singularidade insubstituível.

A vida de cada ser humano é absolutamente singular: ninguém pode repeti-la – ninguém pode viver a vida de ninguém, em virtude do caráter de unicidade da existência humana. Cedo ou tarde, cada ser humano único morre, e, com sua morte, vão-se também todas as oportunidades irrepetíveis de realização de sentido.⁷

A dor em mim pode conter a dignidade do heroísmo ao modo de uma Odisséia⁸. Contudo, esse sentido somente pode se constituir numa autotranscendência, ou seja, na exterioridade, da qual o eu narcísico, faminto por um sentido, busca nos escombros qualquer elementar que saia da condição de dor e possa justificar o mal que lhe faz padecer, seja uma culpa que lhe torne responsável, seja mesmo um sacrifício por outro.

O homem, contudo, pode, sim, mudar a si mesmo – de outra forma não seria homem. É prerrogativa do ser humano (...) a capacidade de definir-se e redefinir-se. Em outras palavras, é privilégio do homem a possibilidade de culpa, bem como sua responsabilidade em superá-la.⁹

A autotranscendência é a condição do ir além da interioridade, numa intencionalidade dada frente ao alter – ao outro onde encontro o sentido.

A autotranscendência constitui a essência da existência. Ser humano é ser direcionado a algo que não si mesmo. Por trás desse caráter de

⁵ Ibidem, p.168.

⁶ FRANKL, V. *Em busca de sentido*. 31 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008, p.170.

⁷ FRANKL, V. *A vontade de sentido*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 73.

⁸ A alteridade levinasiana parte do pressuposto da transcendência imanente ao outro ser. Porém, não faz como Adorno que propõe na dialética do esclarecimento uma genealogia do mito de Ulisses como herói contemporâneo e que embasa a crítica à indústria cultural. A genealogia de Levinas investiga a relação com o monoteísmo cortado pela modernidade e sua linguagem assume conceitos oriundos de uma aproximação com o universo bíblico-judaico.

⁹ Idem, p. 95.

outro [otherness], (...) também incide a alteridade do referente intencional ao qual o comportamento humano se refere.¹⁰

A meta-clínica é a conjuntura essencialmente humana, de sua conduta (moral) e da ética¹¹, na qual colabora no *éthos* mínimo, em que o mal se manifesta e está aí não como contrário ao bem, mas como dado com conteúdo psicológico que extravasa qualquer tentativa de justificação do sofrimento. O sofrimento em mim (*moi*), em Levinas assume também características de doação e sacrifício. A coadunação da vontade de sentido diante do sofrimento e da dor do eu foge ao determinismo puro, sai da conformação para o triunfo, mas, na potencialidade do ser para Outrem, perde esta característica de encastelamento do eu.

Ao declarar que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei essa característica constitutiva de “a autotranscendência da existência humana”.¹²

A condição da autotranscendência é a condição da exterioridade, do não-idêntico que, na concepção levinasiana, é votado como ser-para-o-outro. No entanto, o sofrimento que parte para o *melhor* – no sentido latino de *optimum* – em que Frankl remete como razão e possibilidade não se dimensionam como satisfação de si. A alteridade é um fator preponderante de religião do Mesmo ao Outro, de uma antropologia tridimensional, na qual a projeção das perspectivas, coloca a ipseidade do Eu, absolutamente votada e responsável pelo Outro, por ser anterior, pelo ser separado do idêntico e da representação.

A Alteridade – carregada de Exterioridade, daquilo que é externo ao meu poder representacional, porta já, em sentido levinasiano, a ideia de *estranheza*, de separação radical. O Outro é fundamentalmente um *estranho*, um anti-reflexo do Mesmo narcísico, a ruptura do jogo de espelhos auto-iluminante ao qual se entrega o intelecto deixado só com suas representações.¹³

¹⁰ Ibidem, p. 67.

¹¹ Ibidem, p. 25.

¹² FRANKL, V. *Em busca de sentido*. 31 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008, p. 135.

¹³ SOUZA, R. T. *Razões plurais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010, p.168-69.

Cabe salientar que todo o processo de exterioridade se dimensiona ao infinito, que, embora o sofrimento em mim seja significativo, o sofrimento no outrem torna-se insensato, descolado de toda representação, de toda ordem da percepção. A transcendência imanente nos coloca diante da ação, não como mera mediação do eu no trabalho e como Obra.

3. A ação e o trabalho significativo: do heroísmo ao intercâmbio do Outro¹⁴

Mas a epifania do Outro comporta uma significação própria, independente desta significação recebida do mundo. O Outro não nos vem somente a partir do contexto, mas sem esta mediação, significa por si mesmo. A significação cultural que se revela – e que revela – *horizontalmente*, de alguma maneira, que se revela a partir do mundo histórico ao qual ela pertence – que revela, segundo a expressão fenomenológica, os horizontes deste mundo – esta significação mundana encontra-se estorvada e transtornada por outra presença abstrata (ou, mais exatamente, absoluta), não integrada ao mundo.¹⁵

É importante nos questionar qual seja a alteridade que possa constituir o outrem, o absolutamente Outro, que causa o traumatismo do Mesmo, nos coloca diante do horizonte que desborda toda e qualquer forma de representação. O imediato e irreduzível do Outro é na relação face-a-face, no Rosto como relação ética anterior e primordial. Toda ação ou obra “(...) é ação por um mundo que vem, superação de uma época – superação de si que requer a epifania do Outro (...).”¹⁶ Por isso, toda ação, mobilização e vontade de sentido, não parte de um altruísmo em que excede o ser, mas lhe é exterior.

Assim como a vida permanece potencialmente significativa sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis, também o valor de cada pessoa, sem exceção, a acompanha, e o faz porque está baseado nos valores que a pessoa já realizou no passado. Não está subordinado à utilidade que a pessoa possa ter ou não no presente.¹⁷

¹⁴ Vale destacar que Levinas fora aluno de Husserl e Heidegger e o tradutor das principais obras da fenomenologia para o francês. A influência de ambos os autores é notória, mas não se pode considerar sua fenomenologia como da alteridade, já que a obra levinasiana tende a considerar a alteridade e a exterioridade como desconstrução do conceito moderno de totalidade.

¹⁵ LEVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 51.

¹⁶ Idem, p. 46.

¹⁷ FRANKL, V. *Em busca de sentido*. 31 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008, p. 173.

A obra se desprende do Mesmo para assumir a condição de tempo escatológico, pela qual os valores se constituem como memória viva e atuante. “A memória realiza a impossibilidade: a memória assume, posteriormente, a passividade do passado e domina-o. A memória como inversão do tempo histórico é a essência da interioridade.”¹⁸ Por conseguinte o tempo tende a refinar e redefinir os valores, não a partir de um relativismo ou subjetivismo, mas na unicidade da pessoa e do tempo. A Obra consiste nesse atuar no tempo, numa religião com o estranhamento do outro, na qual, em seu anonimato coloca-me como responsável também pela sua unicidade.

A obra, enquanto orientação absoluta do Mesmo em direção ao Outro, é, pois como uma juventude radical do *elã* generoso. Poder-se-ia fixar o seu conceito por um termo grego que, na sua significação primeira, indica o exercício de um ofício não só totalmente gratuito, mas que requer da parte de quem o exerce uma oferta a fundo perdido: liturgia.¹⁹

Liturgia que, muito mais que um ressentimento, uma culpa que possa ser justificada por uma não-liberdade que me interpela, torna-se fator da irreciprocidade diante do tempo, da responsabilidade do que não pode ser substituído, na mesma proporção ontológica, mas que eticamente tende a ser constituinte de minha própria unicidade. Eleição do eu para-um-outro, mediante o des-inter-ressamento e na qual o rosto do Outro, os valores inscritos neles, convocam-me incondicionalmente pelo outrem.

(...) a responsabilidade que esvazia o Eu de seu imperialismo e de seu egoísmo – seja ela egoísmo de salvação – não o transforma em momento da ordem universal, porém confirma a unicidade do eu. A unicidade do eu é o fato de que ninguém pode responder em meu lugar.²⁰

Nesse aspecto, toda alteridade, toda ética anterior ao representar e dominar, tem a característica de economia, de intercâmbio como desejável que se ordena a partir do sensível, daquilo que está ao alcance das mãos e dos olhos, mas que não corresponde com a dominação e comércio frente as relações significativas. O desejo assume a

¹⁸ LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. 3 ed. Coimbra: 70, p. 43.

¹⁹ LEVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 46.

²⁰ Idem, p. 53.

condição por excelência de infinito na seguinte condição: “A idéia de infinito é Desejo. Ela consiste, paradoxalmente, em pensar mais do que aquilo que é pensado e conservá-lo, assim, em seu “desmesuramento” em relação ao pensamento; em entrar em relação com o inapreensível, mas garantindo-lhe seu estatuto de inapreensível.”²¹ Dessa forma, alteridade é participar e “participar é uma maneira de se referir ao Outro: manter e desenvolver o seu ser, sem nunca perder contacto, com ele em ponto algum.”²²

Os seres humanos estão sempre se transcendendo a si mesmos na direção de sentidos que constituem algo diferente deles mesmos, que são bem mais do que meras expressões deles mesmos, mais do que meras projeções de si. Sentidos são descobertos; não podem ser inventados.²³

Mesmo diante do assassinio assumido por todo o sistema do hitlerismo, o outro permanece como que mais apelativo no rosto que fala; mesmo com a concretização do homicídio, a violência é exercida numa relação com o ancestral, por um mal elementar que escapa a qualquer lógica, mas que vem a exercer-se de alguma maneira, em algum tempo. O hitlerismo fora um dos vulcanismos, que pode, a algum tempo, implodir, mas que é *mysterium iniquitatis*, que se sobrepõe. Existe uma *visage*²⁴ diferente para o sofrimento do outrem?

4. O sofrimento de outrem como inútil e absurdo

O sofrimento de outrem, na qualidade sensível, manifesta-se à *maneira* do insuportável, um dado com conteúdo psicológico, mas sofrimento que não se suporta em uma contradição não-formal no *eu penso* kantiano, mas é passividade enquanto modalidade - quiddidade, além do ser. Padecer não é o reverso de nenhuma atividade, como o seria ainda o efeito correlativo de sua causa, mas é a sensibilidade do vulnerável, mais passiva que a própria receptividade.²⁵ A experiência de algo como a do

²¹ LEVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 54.

²² LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. 3 ed. Coimbra: 70, p. 49.

²³ FRANKL, V. *A vontade de sentido*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 79.

²⁴ Termo utilizado por Levinas para fazer referência à irredutível experiência do face-a-face, da relação ética a partir do rosto que é vestígio do mandamento de “não cometerás assassinio”.

²⁵ LEVINAS, E. *Entre nós*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, pp. 117-119.

amor não se exerce como domínio e possessão do outro ser. A tematização do eu, ou seja, a conceptualização do outrem não o coloca na condição de poder e domínio, mas da ideia de infinito que a ultrapassa e o estabelece como ser-para-o-outro, frente ao padecer do insubstituível que sofre as dores-doenças injustificadas e injustas.

É bom revisitar o livro de Jó²⁶, observando a paciência e o julgamento a partir de uma economia da retribuição, na qual as acusações se voltam para a injustiça de Deus, de uma inversão divina aos moldes de um gênio maligno. A dor nesse aspecto está “(...) impregnada de sentido, subordinada, de uma ou de outra forma, à finalidade metafísica, vislumbrada pela fé ou pela crença no progresso. Crenças pressupostas pela teodiceia!”²⁷. Assim, vemos a torção em que a racionalidade nos coloca diante da passividade da dor e a expressão justificadora do fim da própria teodiceia como alternativa para o constrangimento de um sofrimento inútil. A alteridade é uma relação frente a frente, no horizonte do imediato, em que existe o apelo inscrito no rosto que fala, diante da miséria pela qual o eu se torna infinitamente responsável.

O imediato é a interpelação e, se assim se pode dizer, o imperativo da linguagem. A ideia do contacto não representa o modo original do imediato. O contacto é já tematização e referência a um horizonte. O imediato é o frente a frente.²⁸

A in-condição da dor, que é provação mais passiva que a experiência e que denota o mal que se sofre, na verdade, não descreve o mal. É através do mal que se compreende o padecer, que “(...) sofrer é um padecer puro.”²⁹ O padecer na não-liberdade é o esfacelamento do mal – não como negatividade do apofânico, mas como traumatismo do eu e desordenado diante do impasse da vida, na qual o sofrimento se projeta como absurdo e insensato quando pesa sobre outrem.

O sentido da vida é autotranscendência em responsabilidade pelo outro, um para o outro que reescreve a condição de eleição do outro como primeiro. A

²⁶ Por tratar do pensamento a partir do monoteísmo e da sua instrução com os mestres do Talmude, a relação com o livro de Jó é propícia frente ao diálogo que os personagens exercem, na tentativa de justificação e posteriormente de injustificação dos males que Jó sofre. A passividade e a paciência na verdade tomam o lugar do que realmente se desenrola, que a submissão do querer divino em uma economia da retribuição, pela qual Deus é condenado e merece a inimizade de Jó pelo sofrimento cometido.

²⁷ LEVINAS, E. *Entre nós*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 123.

²⁸ LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. 3 ed. Coimbra: 70, p. 39.

²⁹ LEVINAS, E. *Entre nós*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 118.

proximidade é o termo chave para que a síntese e a tematização não venham a destorcer a prioridade do outro. Pela linguagem, acessa-se imediatamente o outro pela irreduzibilidade da relação. “A proximidade de outrem, a proximidade do próximo, é no ser um momento inelutável da revelação, de uma presença absoluta (isto é, liberta de toda a relação) que se exprime.”³⁰

A passividade diante do outrem que sofre se torna mais pesada se restringida à condição de inassumabilidade em que a integração aos outros estados psicológicos não traz alívio algum, mas onde, ao contrário, a angústia, o abandono e fechamento existencial, se acrescem à crueza do mal.³¹

Abertura original em direção daquele que socorre onde vem se impor – através de um pedido de analgesia mais imperioso, mais urgente no gemido que um pedido de consolação ou do adiamento da morte – a categoria antropológica do medical, primordial, irreduzível, ético. Para um sofrimento puro, intrinsecamente insano e condenado, sem saída, a si mesmo, se delinea um além no inter-humano.³²

A hiperintenção³³, enquanto excesso de preocupação com o sucesso de si, e não esquecimento de si no processo de doação de si, coloca não somente o risco da frustração e enfrentamento, mas um problema ético egóico que se enclausura mais a mais num vácuo existencial, “(...) como sentimento de vacuidade e de falta de sentido.”³⁴ A ética é um além do inter-humano do rigorismo do bem-pensante, em circunsistência em que o sofrimento em mim seja uma oblação pelos outros, mas o sofrimento no outrem seja imperdoável, ressentido; sofrer no próprio sofrimento pelo injusto que acomete e que envergonha o eu diante do outro, votado na condição de insubstituível e que a violência não apreende o seu ser. Neste ponto se faz importante refletir sobre a condição da ação relacionada no tripé analítico e meta-clínico da logoterapia.

(...) a crise do sentido é ressentida pelos contemporâneos como uma crise do monoteísmo. Um Deus intervinha na história humana, como

³⁰ LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. 3 ed. Coimbra: 70, 2008, p. 69.

³¹ LEVINAS, E. *Entre nós*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 119.

³² *Idem*, p. 120.

³³ Conceito fundamental da logoterapia que remete à concentração da atenção na obtenção do sucesso momentâneo, o que coloca em risco a dimensão do sentido que é encontrar uma razão para o sentido e de modo mais especial, desprender-se do eu para alcançar, por conseguinte, o êxito e o sucesso. FRANKL, V. *Em busca de sentido*. 31 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008, p. 162.

³⁴ *Idem*, p. 165.

força, certamente soberana, invisível ao olho sem ser demonstrável pela razão, conseqüentemente sobrenatural ou transcendente; mas sua intervenção situava-se num sistema de reciprocidades e intercâmbios. Sistema este que se delineava a partir de um homem preocupado consigo.³⁵

O sofrimento é um dado fenomenal com um conteúdo psicológico, mas que apesar-da-consciência é *inassumível*, ou seja, o melhor frente ao sofrimento que se manifesta é apenas um exceder do eu que se inscreve num conteúdo sensorial, mas em que não se ordena num conjunto significativo (*sensé*). A dor para Levinas “(...) é, ao mesmo tempo, o que desordena a ordem e o próprio desordenamento. Não somente consciência de uma rejeição, ou sintoma de rejeição, mas a própria rejeição: consciência ao avesso, “operando” não como “apreensão”, mas como revulsão.³⁶ Por isso, na modalidade e na categoria da condição do sofrer, faz-se mister a ambigüidade enquanto negação e recusa de sentido pelo processo de revulsão sensível, pela qual a sensação é dolência da dor, mal que se conduz ao padecer.

O inter-humano propriamente dito está numa não indiferença de uns para com os outros, numa responsabilidade de uns para com os outros, mas antes que a reciprocidade desta responsabilidade, que se inscreverá nas leis impessoais, venha sobrepor-se ao altruísmo puro desta responsabilidade inscrita na posição ética do eu como eu (...) ³⁷

O inter-humano coloca-se não no sentido de teoria do conhecimento ou de qualquer justificação plausível do sofrer, mas como bem salienta Levinas, provoca a solidariedade diante do outro, mesmo diante do “por nada”³⁸ da dor, do que não se pode assumir, mas que pode se responsabilizar pela importância do mandamento inscrito na nudez do rosto, que interpela pelo ‘não cometerás assassínio’. O inter-humano está também na providência de uns em socorro dos outros, antes que a alteridade prestigiosa de outrem venha banalizar-se ou ofuscar-se num simples intercâmbio de bons

³⁵ LEVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 41.

³⁶ LEVINAS, E. *Entre nós*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 117.

³⁷ Idem, p. 129.

³⁸ A criação a partir do nada coloca uma separação entre o eu e os outros, a fim de salvaguardar o princípio de uma alteridade que não envolva uma participação no ser, mas uma responsabilidade pelo totalmente outro, ou outrem.

comportamentos que se terão estabelecido como “comércio interpessoal” nos costumes.³⁹

Desta forma, o ser humano constitui-se pelo paradoxo do heroísmo e pela limitação diante do outrem, pela qual o face-a-face desconstrói toda a soberba do eu inflamado de ser, que não o conserva na condição não somente de sentido, mas de outro sentido que surge a consciência.

Considerações finais

Examinar o sofrimento numa perspectiva inter-humana, como acabamos de fazer – significativo (sensé) em mim, inútil em outrem – não consiste em adotar sobre ele um ponto de vista relativo, mas restituí-lo às dimensões de sentido, fora das quais sua concretude imanente e selvagem de mal numa consciência não é senão abstração.⁴⁰

A proximidade e a eleição do outro que sofre, do rosto daquele que sofre que me convoca, enfatiza não apenas uma autotranscendência diante do trágico, mas me coloca diante da unicidade de cada outro, e pela qual somente posso considerar-me responsável, não somente como mero ressentimento, mas votado a culpa pelo sofrimento que se exerce de forma atávica e que não se apreende em qualquer representação. O Mesmo diante do não-idêntico ao máximo responde pela expressão da dor que lhe faz padecer, mas que o dizer do seu rosto, apenas constata o vestígio, o dito da passividade, do inútil sofrimento do outrem. Paciência que se revela no retorno de si, mas no próprio traumatismo do sujeito diante do padecimento.

Pensar o sofrimento numa perspectiva inter-humana não significa percebê-lo na coexistência de uma multiplicidade de consciências, ou num determinismo social, acompanhado de simples saber que os homens em sociedade podem ter de sua proximidade ou de seu destino comum.⁴¹

³⁹ LEVINAS, E. *Entre nós*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 129.

⁴⁰ LEVINAS, E. *Entre nós*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 129.

⁴¹ Idem, p. 129.

Não há previsibilidade diante do mal elementar, nem no vulcanismo que tomou forma, por exemplo, nos horrores do holocausto, dos genocídios, do terrorismo. Apenas as condições lógicas não são suficientes para abarcar o infinito e a unicidade de cada outramente que ser. Destarte, aqui vale lembrar da grande distinção da humanidade em sua existência, que pode redefinir-se a partir dos escombros, de reconstruir-se e de reencontrar seus valores e razões de sentido.

(...) o homem em sofrimento, que, em virtude de sua humanidade mesma, mostra-se capaz de erguer-se sobre sua dor e de tomar uma atitude significativa em relação a ela, esse homem se move numa dimensão perpendicular ao eixo que acabamos de citar, tendo como polo positivo a realização, a satisfação, e, como negativo, o desespero.⁴²

A meta-clínica, o humanismo a parte da autotranscendência e da alteridade, o outro como passividade apesar-da-consciência, em termos de insubstituível, denotam a potencialidade não somente da responsabilidade ao outro, mas o bem comum cuja verdade pressupõe a justiça, de um projeto político somente a partir de pré-ético e pós-ético, em que o rosto do outro seja a alteridade que se transborde em realização da nobreza humana, capaz do horror, mas de também do enfrentamento da dor.

E há uma nobreza muito grande de energia que se liberta da concreção do presente. Agir em prol de coisas distantes no momento em que triunfava o hitlerismo, nas horas surdas desta noite sem horas – independentemente de toda avaliação de “forças em presença” -, é, sem dúvida, o vértice da nobreza.⁴³

O heroísmo do eu não deve se dimensionar numa liturgia, num construto idealizado, mas pelo dado do sofrimento, pela abertura original da ipseidade do eu, da irreciprocidade ao outro, da paciência diante de Jó, e não de Jó. Notoriamente, constatamos que o fenômeno do sofrimento não se revela como comércio de fruição, de conceituação e dominação do Outro. O ser humano se conforta e não se conforma diante do sofrimento de outrem. No injustificado, no mal que emerge, o que é anterior ao ser é a ética, alteridade como proximidade diante do trágico, do rosto do outro que se apresenta como miséria, culpa inútil, como traumatismo da relação do eu e do tu, pelo

⁴² FRANKL, V. *A vontade de sentido*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 96.

⁴³ LEVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 47.

anônimo que sofre a indignidade do clamor do face-a-face. O eu não é a soma de egos, e por isso, a essência da existência humana – a verdade e a justiça – parte da alteridade com outrem; na unicidade como critério de construção e reconstrução daquilo que vale a pena viver. Os viventes confortam-se, passivamente diante do outro, pacientes para o outro. O suporte e o insuportável fazem parte do paradoxo ético que transcende a clínica, a lógica e o próprio sujeito, que diante de Auschwitz é votado a redefinir seu sentido na liturgia da alteridade como justiça ao rosto do órfão, da viúva e do que sofre a inimizade e a crueza da dor.

Referências

FRANKL, V. *A vontade de sentido*. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *Em busca de sentido*. 31.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

LEVINAS, E. *Altérité et transcendance*. Paris: Fata Morgana, 1995.

_____. *Entre nós: ensaios sobre alteridade*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Éthique comme philosophie première*. Paris: Payot & rivages, 1998.

_____. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Totalidade e Infinito*. 3. ed. Lisboa: 70, 2008.

SEBBAH, F.D. *Lévinas*. São Paulo: Estação liberdade, 2009. Figuras do saber; 24.

SOUZA, R. T. *Razões plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. Coleção filosofia 169.

_____. *Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Sujeito, ética e história: Levinas, o traumatismo do infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. Coleção filosofia 92.

SUSIN, L. C. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est, 1984.

Artigo recebido em 08.08.2012

Artigo aprovado em 18.10.2012